

ARTIGO

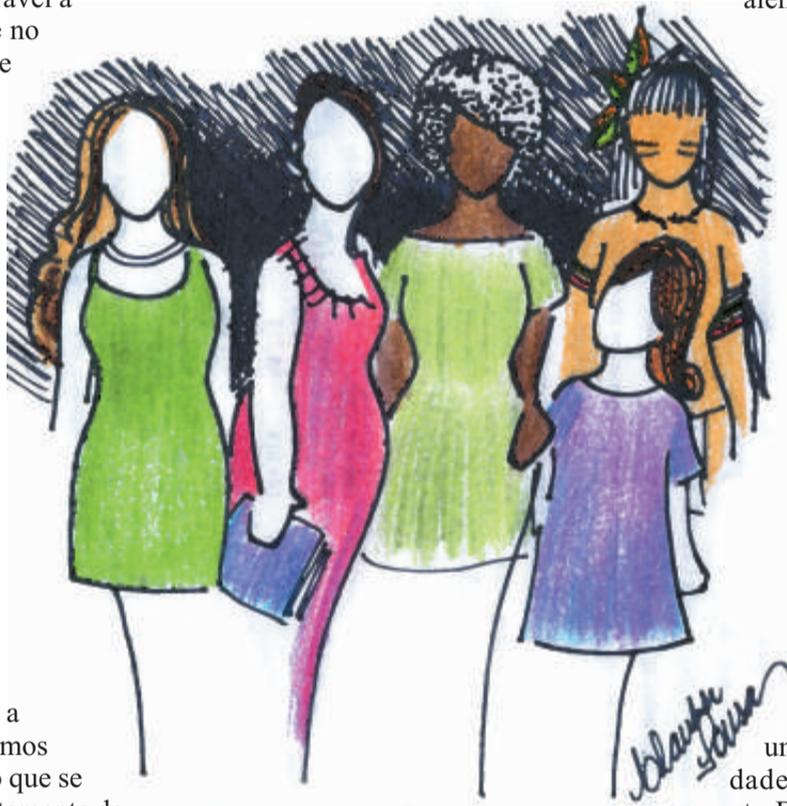
O que temos a dizer às mulheres?

Há vários anos sou convidada para escrever ou falar em algum espaço que não deixa passar em branco o dia da mulher. Talvez estes convites se devam a militância no passado e ainda, no presente, pela minha curiosidade como pesquisadora e formadora de professores, não deixando nunca as questões de gênero passar em branco. Cada vez que penso no tema e no que me provocarei a pensar / escrever este ano, não que tenha que ser algo inédito, passo um tempo considerável a pensar no que já pensei e no que já falei. Penso no que possa nos provocar algo diferente do que viemos lendo, ouvindo, observando, pois compartilho com o filósofo Michel Foucault (2001, p.13) que pergunta: “De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida onde a questão de saber se podemos pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir.”

No ano passado, por ocasião da recente publicação do livro com a história de vida de Helena Ferrari, dissertação de um orientando do Mestrado em Educação da Universidade Federal de Santa Maria, dediquei minha escrita às mulheres de outra geração, àquelas que realmente “abriram janelas” para nós que hoje estudamos até o ensino superior, que votamos, que trabalhamos e, mesmo com salários ainda desiguais na mesma função, vivenciamos três turnos, às vezes até mais, entre a vida pública e a vida privada.

Quando pensei no que escrever este ano, tive um desejo enorme de ouvir outra geração, a da minha filha Julia,

adolescente e seus amigos. Perguntei a alguns deles o que era importante dizer sobre as mulheres no dia internacional, em que se comemoram lutas e conquistas. Me disseram, sem nenhuma dúvida, que seria importante continuar enfocando suas lutas e as muitas conquistas, que num cotidiano corrido, nem percebemos mais e já passamos a ver como



“naturais”. Um dos adolescentes me provocou dizendo que era importante pensar no porque um dia para as mulheres. Percebi a importância da história ser contada para as novas gerações e assim como Helena nos contou suas dificuldades de entrar num ambiente típico de homens na época – a política, os acontecimentos vividos por outras gerações são importantes de serem escritos e contados sob pena de o “dia da mulher” se configurar em mais um dia de vendas para o comércio ou de homenagens que despolitizam a história desta data, se tornando mais uma “comemoração” que sinaliza o progressivo enfraquecimento da ação política e o esvaziamento do espaço

público.

Tenho convivido com muitas mulheres diferentes, de idades, de gerações, de etnias, de preferências sexuais e de classes sociais distintas. Temos lutas e conquistas comuns e temos outras tantas que são específicas das nossas diferenças. Tenho aprendido muito com as diferenças e o quanto elas ainda precisam nos ensinar a conviver, a respeitar, e indo um pouco mais além, a desejar o diferente.

Ouvimos muito nos nossos espaços cotidianos de trabalho, de lazer, que “as mulheres são competitivas entre elas e não conseguem ser amigas”.

Talvez isso seja uma evidência, talvez tenhamos nos produzido assim para estar nos espaços de (con)vivência e de trabalho. Mas o certo é que este é o território onde “temos que falar para nós mesmas” e também para uma sociedade, para que não estejamos reforçando uma característica da sociedade contemporânea, como aponta Bauman (2001, p.46), onde “O público é colonizado pelo 'privado'; o 'interesse público' é reduzido à curiosidade sobre as vidas privadas de figuras públicas e a arte da vida pública é reduzida à exposição pública das questões privadas e a confissões de sentimentos privados (quanto mais íntimos, melhor)”.

O que temos aprendido com as diferenças? Espero que não seja a competição e a discriminação. Tolerar é muito pouco para quem está no mundo tentando produzir uma vida e uma sociedade mais justa. Jogar com a produção de verdades de modo ético, a favor da expansão da vida em sua potência criadora e com isso favorecer a transformação dos modos de existir.

DICA CULTURAL

DVD

FILME:

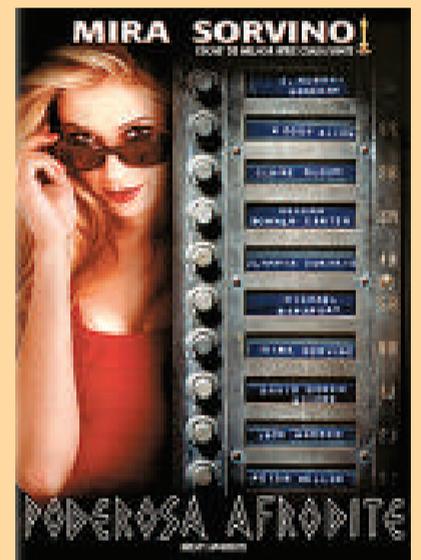
PODEROSA AFRODITE

Quem viu?

Alexandre Maccari Ferreira*

Direção: Wood Allen

Duração: 95 min.



Enquanto o próximo filme de Woody Allen, lançado nos Estados Unidos em 2007, **Cassandra's dream**, não chega ao Brasil, uma boa pedida é rever algumas obras, cujas figuras femininas dominam quase que completamente as cenas. A capacidade de criar vivências que têm como tema o cotidiano é o que alia a simplicidade e o complexo dos filmes de Allen e isso está presente em **Poderosa Afrodite**.

A obra conta a história de uma adoção. Lenny (Woody Allen) e Amanda Weinrib (Helena Bonham Carter) adotam uma criança, e conforme ela vai crescendo e se revelando extremamente inteligente, Lenny resolve procurar a mãe biológica da criança. Quando a encontra vê que ela é uma prostituta, provocando um abalo na vida dele. Os paralelos entre o passado e o presente, fazendo uso de um humor refinado, revela uma das mais criativas obras de Woody Allen.

Mighty Aphrodite (Poderosa Afrodite). Direção: Woody Allen. Com: Woody Allen; Helena Bonham Carter; Mira Sorvino; F. Murray Abraham; Danielle Ferland. Estados Unidos, 1995

(*Pesquisador de História do Cinema. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Integração Latino-Americana da UFSM)

Prof.^a Valeska Fortes de Oliveira

Departamento de Fundamentos da Educação / UFSM